

Da autora de
Como eu era antes de você e *Depois de você*

intrínseca

A última carta de amor



JOJO MOYES

A
última carta
de amor

“Uma narrativa dramática e romântica sobre paixões desencontradas, corações partidos e recomeços cheios de esperança... A história é incrivelmente comovente, pois Moyes explora a forma como o amor, a perda e algumas palavras podem criar uma nova vida ou partir um coração.”

Marie Claire

“Eu li de uma vez só. Jojo Moyes é uma escritora brilhante.”

India Knight

“Vívido, comovente e habilmente escrito. Paixão, amor e perda são os grandes temas. Prepare-se para chorar.”

Sainsbury's Magazine

“Épico, romântico e completamente brilhante. O livro do ano.”

Lisa Jewell

“Uma história fantástica que vai inspirar o leitor a escrever suas próprias cartas de amor.”

Glamour

“Se você gosta de histórias emocionantes,
A última carta de amor não vai desapontar.”

she

“Moyes traz inteligência e destreza para o romance tradicional.”

Saga

“O romance atemporal é comovente.”

Candis

“Se está à procura de uma leitura romântica que fará você pegar lenços de papel para secar suas lágrimas de tristeza e alegria, este é o livro. Repleto de personagens maravilhosos, você o lerá durante a madrugada, desejando que não acabe. Puro romance.”

LoveReading.co.uk

“Impossível largar.”

News of the World

“Maravilhosamente comovente e despuadoradamente romântico.
Vai cativar você desde a primeira página.”

Woman

“Não há romance mais encantador.”

Sunday Herald

“Um livro maravilhoso, emocionante – certifique-se
de arrumar um lugar para aproveitá-lo sem ser interrompido.”

TheBookBag.co.uk

“Vívido, comovente e habilmente escrito. Paixão, amor e
perda são os grandes temas. Prepare-se para chorar.”

Sainsbury's Magazine

“Uma leitura maravilhosa.”

My Weekly

“Um romance pungente que vai fazer seu coração flutuar.”

Heat

A
última carta
de amor

A
última carta
de amor

JOJO MOYES

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



Copyright © Jojo Moyes 2010

O trecho da carta de Zelda Fitzgerald para Scott Fitzgerald aparece em *Hell Hath No Fury*, de Anna Holmes, e foi reproduzido com a permissão de Estate of F. Scott Fitzgerald c/o David Higham Associates.

O trecho da carta de Agnes von Kurowsky para Ernest Hemingway aparece em *Hemingway in Love and War*, de Henry S. Villard e James Nagel, e foi reproduzido com a permissão de University Press of New England.

TÍTULO ORIGINAL

The Last Letter From Your Lover

PREPARAÇÃO

Sheila Louzada

REVISÃO

Milena Vargas

Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899u

2. ed.

Moyes, Jojo, 1969-

A última carta de amor / Jojo Moyes ; tradução de Adalgisa Campos da Silva. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

384p. : 23 cm

Tradução de: The last letter from your lover

ISBN 978-85-8057-957-4

1. Romance inglês. I. Silva, Adalgisa Campos da.

II. Título.

16-32304.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

A Charles, que começou tudo isso com um bilhete.

Feliz Aniversário! Aí vai o seu presente. Espero que goste...

Hoje estou pensando em você de modo especial... porque decidi que, embora eu o ame, não estou apaixonada por você. Não sinto que você seja o Eleito de Deus para mim. Bom, espero mesmo que goste do seu presente e que tenha um aniversário maravilhoso.

Mulher para Homem, por carta

Prálaya

Até. Bj.

Ellie Haworth avista os amigos por entre as pessoas e vai abrindo caminho pelo bar. Larga a bolsa no chão e coloca o telefone na mesa diante deles. Já estão bem calibrados — nota-se pelo tom das vozes, pelo exagero dos gestos e das gargalhadas, pelas garrafas vazias.

— Atrasada. — Nicky mostra o relógio, apontando o dedo acusadoramente para ela. — Não venha dizer “Eu tinha uma matéria para terminar”.

— Entrevista com a mulher ludibriada de um membro do Parlamento. Desculpe-me. Era para a edição de amanhã — diz, ocupando o assento vazio e servindo em um copo o restinho de uma garrafa. Ela empurra o telefone na mesa. — Tudo bem. Palavra irritante de hoje para discussão: “até”.

— Até?

— Usada como despedida. Significa até amanhã ou até mais tarde? Ou será só uma horrorosa forma de falar típica de adolescentes que na verdade não significa absolutamente nada?

Nicky olha a tela acesa do celular.

— É “até” e um “bj”. É tipo “boa noite”. Eu diria amanhã.

— Definitivamente amanhã — diz Corinne. — “Até” é sempre até amanhã. — Faz uma pausa. — Poderia também significar até depois de amanhã.

— É muito informal.

— Informal?

— Aquele tipo de coisa que a gente diz ao carteiro.

— Você manda um beijo para o seu carteiro?

Nicky sorri ironicamente.

— Poderia mandar. Ele é lindo.

Corinne analisa a mensagem.

— Não sei se é bem isso. Pode significar apenas que ele estava com pressa para fazer alguma outra coisa.

— É. Tipo encontrar a mulher dele.

Ellie dirige um olhar de advertência a Douglas.

— Que foi? — diz ele. — Só acho que você já passou dessa fase de ter que decifrar linguagem de torpedos.

Ellie engole depressa o vinho, depois debruça-se na mesa.

— Tudo bem. Se estou prestes a ouvir um sermão preciso de outra bebida.

— Se você tem intimidade suficiente para fazer sexo no escritório de alguém, acho que deveria pedir que esse alguém esclarecesse quando vocês poderiam se encontrar para tomar um café.

— E o resto da mensagem? Por favor, que não seja nada sobre sexo no escritório.

Ellie espia seu telefone, descendo a lista de mensagens. “Ligação complicada de casa. Dublin semana que vem mas ainda não sei direito quais são os planos. Até. Bj.”

— Ele está mantendo as opções em aberto — diz Douglas.

— A menos que... bem... ele não saiba direito quais são os próprios planos.

— Nesse caso ele teria dito “Te ligo de Dublin”. Ou mesmo “Vou comprar sua passagem para Dublin”.

— Ele vai levar a mulher?

— Ele nunca leva. É uma viagem a trabalho.

— Talvez ele esteja levando outra pessoa — murmura Douglas para dentro do copo de cerveja.

Nicky balança a cabeça, pensativa.

— Nossa, a vida não era mais fácil quando eles tinham que ligar para falar com a gente? Aí a gente podia pelo menos perceber a rejeição pelo tom de voz.

— É. — Corinne suspira. — E a gente podia ficar em casa sentada ao lado do telefone por horas e horas esperando eles ligarem.

— Ah, as noites que eu passei...

— ... verificando se o telefone estava mesmo funcionando...

— ... e, ao ouvir o sinal de disar, desligando logo, para o caso de ter sido o momento exato em que ele estava ligando.

Ellie ouve os amigos rirem, reconhecendo que eles têm razão, mas no fundo ainda querendo ver a telinha se iluminar de repente com uma chamada. Uma chamada que, em vista da hora e de as coisas estarem “complicadas em casa”, não vai acontecer.

Douglas a acompanha até em casa. Ele é o único dos quatro que mora com uma parceira, mas Lena, sua namorada, é importante no ramo de tecnologia

de recursos humanos e quase sempre fica no trabalho até 22 ou 23 horas. Lena não se importa que ele saia com as velhas amigas — já o acompanhou algumas vezes, mas é difícil para ela transpor o muro de piadas antigas e referências cúmplices decorrentes de uma década e meia de amizade. Quase sempre, ela o deixa ir só.

— Então, o que está havendo com você, garotão? — Ellie o cutuca ao desviarem de um carrinho de compras largado na calçada. — Não falou nada sobre você lá no bar. A menos que eu tenha perdido tudo.

— Não muita coisa — diz ele, e hesita. Enfia as mãos nos bolsos. — Quer dizer, não é bem verdade. Hum... Lena quer ter um filho.

Ellie olha para ele.

— Uau.

— E eu também — acrescenta depressa. — Temos falado sobre isso há séculos, mas agora chegamos à conclusão de que nunca vai haver uma hora certa, então é melhor encomendar logo.

— Um romântico à moda antiga, você!

— Eu estou... sei lá... bem feliz com isso, mesmo. Lena vai continuar trabalhando, e eu vou ficar cuidando do bebê em casa. Bem, se tudo acontecer conforme o planejado...

Ellie tenta manter a voz neutra.

— E é isso que você quer?

— É. Eu não gosto do meu trabalho mesmo. Já não faço nada há anos. Ela ganha uma fortuna. Acho que seria bem gostoso passar o dia inteiro às voltas com uma criança.

— Ter um filho é um pouco mais que andar às voltas... — começa ela.

— Eu sei. Cuidado... na calçada. — Delicadamente, ele a desvia da sujeira. — Mas estou pronto para isso. Não preciso sair toda noite para o bar. Quero o estágio seguinte. Isso não quer dizer que eu não goste de sair com vocês, mas às vezes me pergunto se a gente não deveria... sabe... crescer um pouco.

— Ah, não! — Ellie segura o braço dele. — Você passou para o lado negro.

— Bem, eu não encaro o meu trabalho do mesmo jeito que você. Para você, o trabalho é tudo, certo?

— Quase tudo — admite ela.

Eles caminham em silêncio algumas ruas, ouvindo as sirenes ao longe, as portas dos carros batendo e as discussões abafadas da cidade. Ellie adora essa hora da noite, apoiada pela amizade, temporariamente livre das incertezas que cercam o resto de sua vida. Foi uma noite legal lá no bar, ela está indo para seu

apartamento aconchegante. É uma pessoa saudável. Tem um cartão de crédito com um limite ainda inexplorado, planos para o final de semana, e é a única dos amigos que ainda não tem um fio de cabelo branco. A vida é boa.

— Você às vezes pensa nela? — pergunta Douglas.

— Em quem?

— Na mulher do John. Acha que ela sabe?

A menção dissipa a felicidade de Ellie.

— Sei lá. — E, quando Douglas não diz nada, ela acrescenta: — Com certeza eu saberia se fosse ela. Ele diz que ela se interessa mais pelos filhos que por ele. Às vezes eu digo a mim mesma que talvez bem lá no fundo ela ache bom não ter que se preocupar com ele. Sabe, em fazê-lo feliz.

— Puxa, *isso* é que é acreditar na verdade que você mesma inventou.

— Talvez. Mas, sendo muito honesta, a resposta é não. Eu não penso nela e não me sinto culpada. Porque acho que isso não teria acontecido se eles estivessem felizes ou fossem... sabe... ligados.

— Vocês mulheres têm uma visão tão equivocada dos homens...

— Você acha que ele é feliz com ela? — Ela analisa a expressão no rosto do amigo.

— Não tenho ideia. Só não acho que ele precisa ser infeliz com a mulher para transar com você.

O clima mudara um pouco, e, talvez, percebendo isso, Ellie solta o braço de Douglas e ajeita a echarpe em volta do pescoço.

— Você acha que eu não presto. Ou que ele não presta.

Saiu. O fato de a afirmação ter partido de Douglas, o menos dogmático dos seus amigos, dói.

— Eu nunca acho que alguém não presta. Só penso em Lena, e no que significaria para ela ter um filho meu, e na ideia de passá-la para trás só porque ela optou por dar a essa criança a atenção que eu achava que era minha...

— Então você acha, *sim*, que ele não presta.

Douglas balança a cabeça negativamente.

— Eu só... — Ele para e olha para o céu antes de formular a resposta. — Acho que você deveria ter cuidado, Ellie. Essa coisa toda de tentar decifrar o que ele quer dizer, o que ele deseje, isso é só babaquice. Você está perdendo o seu tempo. Para mim, as coisas em geral são bastante simples. Uma pessoa gosta de você, você gosta dela, vocês ficam juntos, e é mais ou menos isso.

— Universo legal, esse em que você vive, Doug. Pena que não se parece com o real.

— Tudo bem, vamos mudar de assunto. Falar nisso depois de alguns drinques não dá.

— Não. — A voz de Ellie fica aguda. — *In vino veritas*, e essa coisa toda. Tudo bem. Pelo menos eu sei o que você pensa. Daqui posso ir sozinha. Mande um beijo para Lena.

Ela corre as duas ruas até em casa, sem se virar para olhar o velho amigo.

O *Nation* está sendo embalado, caixa por caixa, para ser transferido para sua nova sede de fachada de vidro em um esplêndido cais revitalizado na zona leste da cidade. A redação vem minguando semana após semana: onde havia torres de *releases*, pastas e recortes para arquivar, agora há mesas vazias, brilhantes extensões inesperadas de superfícies compensadas, expostas à clareza dura da luz fria. Lembranças de matérias passadas foram desenterradas, como prêmios de uma escavação arqueológica, bandeiras de jubileus reais, capacetes de aço amassados de guerras distantes e certificados emoldurados de prêmios havia muito esquecidos. Montes de fios estão expostos, placas de carpete foram deslocadas e grandes buracos foram abertos no teto, incitando inspeções histriônicas de especialistas em saúde e segurança e um sem-fim de visitantes com pranchetas. As editorias de Anúncios, Classificados e Esporte já se mudaram para o Compass Quay. A revista de sábado, a Economia e as Finanças Pessoais estão preparando a transferência para as próximas semanas. A editoria de Ellie, Reportagens Especiais, vai junto com a Geral, em um truque cuidadosamente coreografado, de modo que o jornal de sábado sairá da antiga sede da Turner Street, mas o de segunda-feira virá, como que num passe de mágica, do novo endereço.

O prédio, sede do jornal por quase cem anos, já não mais “atende aos objetivos” — aquela expressão antipática. Segundo a administração, não reflete a natureza dinâmica e eficiente de uma redação moderna. Há muitos lugares para se esconder, observam, de mau humor, os picaretas, quando arrancados de suas posições para voltar ao trabalho, como cracas teimosamente agarradas a buracos em um casco de navio.

— Deveríamos comemorar isso — diz Melissa, chefe de Reportagens Especiais, da sala quase totalmente esvaziada da editoria.

Ela está com um vestido de seda cor de vinho. Em Ellie, pareceria a camisola de sua avó. Em Melissa, parece o que é: moda de altíssimo nível.

— A mudança?

Ellie está olhando para o celular, a seu lado, configurado para o modo silencioso. A sua volta, os outros redatores da editoria estão calados, bloquinhos de anotações nos joelhos.

— Sim. Eu estava falando com um dos bibliotecários outro dia. Ele disse que há montes de pastas velhas que ninguém olha há décadas. Quero alguma

coisa sobre as páginas femininas de cinquenta anos atrás. Como as atitudes mudaram, as modas, as preocupações das mulheres. Estudos de caso, lado a lado, de então e de agora. — Melissa abre uma pasta e puxa várias folhas A3 xerocadas. Ela fala com a segurança de quem está acostumado a ser ouvido. — Por exemplo, da nossa seção de aconselhamento sentimental: *O que eu posso fazer para minha mulher se vestir com mais elegância e ficar mais atraente? Minha renda é de 1.500 libras por ano, e estou começando a fazer carreira numa empresa da área de comércio. Tenho recebido muitos convites de clientes para jantares e coisas do tipo, mas, nas últimas semanas, tenho que me esquivar deles porque a minha mulher, francamente, está um lixo.*

Ouve-se uma risada em tom grave na sala.

— *Já tentei dizer isso a ela de uma forma delicada, e ela diz que não liga para moda nem joias nem maquiagem. Francamente, ela não parece a esposa de um homem de sucesso, que é o que eu desejo que ela seja.*

John uma vez dissera a Ellie que, depois que vieram os filhos, sua mulher se desinteressara da própria aparência. Ele desconversara tão logo tocara no assunto, e nunca mais tornara a mencioná-lo, como se considerasse aquele comentário uma traição ainda maior que transar com outra mulher. Ellie ficara ressentida com esse vestígio de lealdade cavalheiresca do namorado, mas no fundo o admirou por isso.

Entretanto, aquilo tinha ficado na sua cabeça. Ela imaginara a mulher dele: desmazelada, com uma camisola manchada, agarrada a um bebê e passando um sermão no marido por algum suposto problema. Ellie queria dizer a John que ela própria jamais seria assim com ele.

— A pessoa poderia fazer as perguntas a uma consultora sentimental moderna.

Rupert, o editor da revista de sábado, se inclina a fim de olhar as outras páginas fotocopiadas.

— Não sei se seria preciso. Ouça a resposta: *Talvez nunca tenha ocorrido a sua mulher que ela deva ser parte da sua vitrine. Talvez, quando pensa minimamente nessas coisas, ela diga a si mesma que está casada, segura, feliz, então por que deveria se preocupar?*

— Ah — diz Rupert. — “A tão profunda paz conjugal.”

“*Já vi isso acontecer com uma rapidez incrível tanto com jovens que acabaram de se apaixonar quanto com mulheres que se acomodam num acolhedor casamento de longa data. Uma hora elas estão todas perfeitinhas, lutando heroicamente contra a cintura, as costuras das meias retas no corpo, ansiosamente embebidas em perfume. Basta um homem dizer ‘Eu te amo’ e imediatamente aquela garota esplêndida está praticamente um bagulho. Um bagulho feliz.*”

Ouve-se na sala uma risada geral breve e educada, de aprovação.

— Qual é a escolha de vocês, meninas? Lutar heroicamente contra a cintura ou virar um bagulho feliz?

— Acho que vi um filme com esse nome não faz muito tempo — diz Rupert. Seu sorriso murcha quando ele percebe que as risadas morreram.

— É possível fazer muita coisa com isso. — Melissa aponta para a pasta. — Ellie, você pode pesquisar um pouco hoje à tarde? Ver o que mais consegue achar. Estamos olhando para quarenta, cinquenta anos atrás. Cem anos seria muito irreal. O editor quer muito que a gente enfatize a mudança de uma forma que traga leitores com a gente.

— Você quer que eu procure no arquivo?

— Isso seria um problema?

Não para quem gosta de ficar sentado em porões escuros cheios de papéis mofados vigiados por homens perturbados de mentalidade stalinista que aparentemente não veem a luz do dia há trinta anos.

— De forma alguma — diz Ellie animadamente. — Tenho certeza de que vou encontrar algo.

— Leve duas estagiárias para ajudar, se quiser. Ouvi dizer que tem umas escondidas lá na seção de moda.

Ellie não registra a satisfação maldosa cruzando as feições de sua editora diante da ideia de despachar o último lote das pretendentes a Anna Wintour para as entranhas do jornal. Está ocupada pensando: *Filha da mãe. No subsolo o celular não pega.*

— Por falar nisso, Ellie, onde você estava hoje de manhã?

— O quê?

— Hoje de manhã. Eu queria que você reescrevesse aquela matéria sobre filhos e perda. Ninguém sabia onde você estava.

— Eu estava fora fazendo uma entrevista.

— Com quem?

Uma perita em linguagem corporal, pensa Ellie, teria identificado corretamente que o sorriso inexpressivo de Melissa era mais um rosnado.

— Um advogado. Whistleblower. Eu estava tentando desenvolver algo sobre sexismo nos tribunais. — A justificativa escapa antes que ela se dê conta do que está dizendo.

— Sexismo na City. Pouco inovador. Esteja em sua mesa na hora certa amanhã. Deixe as entrevistas especulativas para o seu tempo livre, sim?

— Certo.

— Ótimo. Quero uma matéria de página dupla para a primeira edição saída do Compass Quay. Algo na linha de *plus ça change*. — Ela está escre-

vendo em seu caderno de capa de couro. — Preocupações, anúncios, problemas... Traga umas laudas hoje à tarde e vamos ver o que você conseguiu.

— Pode deixar.

O sorriso de Ellie é o mais alegre e o mais profissional de toda a sala quando ela se retira com os outros.

Hoje passei o dia no equivalente moderno do purgatório, digita ela, fazendo uma pausa para dar um gole no vinho. Sala do arquivo do jornal. Você devia agradecer por só inventar histórias.

Ele lhe enviou uma mensagem instantânea pela conta do hotmail. Chama a si mesmo de Carimbador; uma brincadeira entre os dois. Ela senta-se em cima dos pés na cadeira e aguarda, torcendo para que a máquina sinalize logo a resposta dele.

Você é uma péssima bárbara. Adoro arquivos, responde a tela. Lembre-me de levá-la à Biblioteca Britânica de Jornais para o nosso próximo encontro quente.

Ela ri. *Você sabe divertir uma mulher.*

Faço o melhor que posso.

O único bibliotecário humano me deu um montão de papéis soltos. Não é a coisa mais excitante de se ler antes de dormir.

Temendo que essa afirmação soe sarcástica, ela acrescenta uma carinha feliz, mas depois xinga a si própria ao lembrar que ele uma vez escreveu um ensaio para a *Literary Review* sobre como esse sorriso representava tudo o que havia de errado com a comunicação moderna.

Foi um sorriso irônico, acrescenta ela, e enfia o punho na boca.

Espera aí. Telefone. A tela fica parada.

Telefone. A esposa dele? Ele está num quarto de hotel em Dublin. Tem vista para o mar, dissera-lhe. *Você ia adorar.* O que ela deveria dizer em resposta a isso? *Então me leve da próxima vez?* Era exigir muito. *Eu com certeza adoraria?* Soava quase sarcástico. *Sim,* ela respondeu, finalmente, e deixou escapar um longo suspiro que ele não ouviu.

É tudo sua culpa, dizem-lhe seus amigos. Incomumente, ela não pode discordar.

Ela o conhecera num festival literário em Suffolk, ao qual fora enviada para entrevistar um autor de *thrillers* que ganhara uma fortuna depois de ter desistido de trabalhos mais literários. Seu nome é John Armour, e seu herói, Dan Hobson, um amálgama quase caricatural de características antiquadas masculinas. Ela o entrevistara durante o almoço, esperando uma defesa

do gênero bastante irritada, talvez algumas reclamações sobre o mercado editorial — ela sempre achou os escritores pessoas bastante cansativas de entrevistar. Esperara alguém barrigudo, de meia-idade, balofo após anos trabalhando sentado. Mas o homem alto e bronzeado que se levantou para apertar sua mão era magro e sardento, parecia um fazendeiro sul-africano curtido pelo clima ensolarado. Era divertido, charmoso, atencioso e capaz de rir de si mesmo. Dirigira a entrevista para ela, fazendo-lhe perguntas pessoais, depois explicara-lhe suas teorias sobre a origem da linguagem e como achava que a comunicação estava se transformando em algo perigosamente pobre e feio.

Quando chegou o café, ela viu que fazia quase quarenta minutos que não encostava a caneta no papel.

— Mas ainda assim você não adora o som das línguas? — perguntou ela, enquanto saíam do restaurante e voltavam para o festival.

O ano estava no fim, e o sol de inverno mergulhara atrás dos prédios baixos da rua, que ia ficando sossegada. Ela bebera demais, chegara ao ponto em que sua boca desatava a falar desafiadoramente antes que pudesse elaborar o que deveria dizer. Ellie não queria ter saído do restaurante.

— Quais?

— O espanhol. O italiano, principalmente. Tenho certeza de que é por isso que eu adoro as óperas italianas e não suporto as alemãs. Todos aqueles barulhos duros, guturais. — Ele pensara sobre o assunto, e o silêncio a deixara nervosa. Começou a gaguejar: — Sei que é totalmente fora de moda, mas adoro Puccini. Adoro aquela emoção forte. Adoro o *r* rolado, o *staccato* das palavras... — foi parando de falar ao perceber quão ridícula e pretensiosa soava.

Ele parou à entrada de um prédio, olhou rapidamente para a rua atrás deles, depois tornou a se virar para ela.

— Eu não gosto de ópera.

Fitara-a nos olhos ao dizer isso. Como se fosse um desafio. Ela sentiu algo ceder, lá no fundo do estômago. Ai, meu Deus, pensou.

— Ellie — disse ele, depois de já estarem ali parados fazia quase um minuto. Foi a primeira vez que a chamara pelo nome. — Ellie, tenho que pegar uma coisa no hotel antes de voltar para o festival. Quer subir comigo?

Antes mesmo que ele fechasse a porta do quarto, eles já estavam agarrados, corpos colados, bocas se devorando, enlaçados enquanto suas mãos executavam a urgente e frenética coreografia de tirar a roupa.

Depois, ao lembrar-se de seu comportamento, ela ficaria espantada como se estivesse vendo de longe uma espécie de aberração. Nas centenas de vezes em que repassara a cena, apagara o significado, a emoção avassaladora, e fi-

cara só com os detalhes. Sua roupa de baixo, corriqueira, inadequada, jogada em cima de uma prensa de passar calças; o modo como eles riram loucamente no chão depois do ato, embaixo da colcha sintética estampada do hotel; como depois, naquela tarde, todo alegre e com um charme inapropriado, ele devolvera a chave ao recepcionista.

Ele ligara dois dias depois, quando o choque eufórico daquele momento começava a dar lugar a algo mais desapontador.

— Você sabe que sou casado — disse ele. — Leu as matérias sobre mim.

“Procurei no Google todas as últimas referências a você”, disse-lhe ela em silêncio.

— Eu nunca fui... infiel antes. Ainda não consigo articular bem o que aconteceu.

— A culpa foi da quiche — brincou ela.

— Você mexe comigo, Ellie Haworth. Não escrevo uma palavra há 48 horas. — Ele fez uma pausa. — Você me faz esquecer o que eu quero dizer.

Então estou condenada, pensou ela, porque, tão logo sentira o peso dele sobre ela, a boca colada na sua, Ellie soubera — apesar de tudo o que já dissera aos seus amigos sobre homens casados, tudo em que já acreditava — que só precisava de um mínimo reconhecimento por parte dele do que acontecera para estar perdida.

Um ano depois, ainda não começara a procurar uma saída.

Ele volta a aparecer on-line quase 45 minutos depois. Nesse meio-tempo, ela se afastara do computador, servira-se de outro drinque, perambulara pela casa, examinando a pele num espelho do banheiro, depois catara meias perdidas e atirara-as no cesto de roupa suja. Ouve o som de uma nova mensagem e senta correndo na cadeira.

Desculpa. Não pretendia demorar. Espero que eu possa falar amanhã.

Nada de se falar por celular, dissera ele. As contas de celular são detalhadas.

Está no hotel agora?, digita ela depressa. *Eu poderia ligar para o seu quarto.* A palavra falada era um luxo, uma oportunidade rara. Mas ela precisava ouvir a voz dele.

Tenho um jantar, linda. Desculpe — já estou atrasado. Até. Bj.

E ele se vai.

Ela fica olhando a tela vazia. Ele agora estará atravessando o vestíbulo do hotel com passadas largas, encantando o pessoal da recepção, entrando em seja qual for o carro que o festival reservara para ele. Hoje à noite vai fazer um discurso de improviso no jantar e depois será aquela pessoa divertida e ligeiramente nostálgica que sempre é para os felizardos que se sentarem à sua mesa.

Ele estará lá, vivendo plenamente a sua vida, quando ela parece ter colocado a dela continuamente em espera.

Que diabo ela está fazendo?

— Que diabo estou fazendo? — diz em voz alta, batendo no botão de desligar.

Grita sua frustração para o teto do quarto, deixa-se cair na enorme cama vazia. Não pode ligar para os amigos: eles já suportaram essas conversas muitas vezes, e ela pode adivinhar qual será a reação deles — a *única* possível. O que Doug lhe dissera fora doloroso. Mas ela diria exatamente o mesmo a qualquer um deles.

Senta-se no sofá, liga a televisão. Finalmente, olhando para a pilha de jornais ao seu lado, coloca-a no colo, xingando Melissa. Uma pilha variada, disse-lhe o bibliotecário, recortes sem data e sem categoria óbvia. “Não tenho tempo de examinar todos eles. Estamos descobrindo muitas pilhas assim.” Ele era o único bibliotecário com menos de 50 anos lá embaixo. Ellie se perguntou, por um momento, por que nunca o notara.

— Veja se tem alguma coisa útil para você. — Ele se debruçara em uma atitude conspiratória. — Jogue fora o que não quiser, mas não diga nada ao chefe. Estamos em uma etapa agora em que não podemos nos dar ao luxo de examinar cada pedaço de papel.

Logo ela descobre por quê: algumas críticas teatrais, uma lista de passageiros de um cruzeiro marítimo, alguns cardápios de jantares comemorativos do jornal. Ela passa os olhos em tudo aquilo, espiando de vez em quando a TV. Não há muita coisa ali que vá empolgar Melissa.

Agora ela está folheando uma pasta surrada com o que parecem ser registros médicos. Tudo doença pulmonar, nota distraidamente. Algo a ver com mineração. Está prestes a jogar o maço todo na lixeira quando um canto azul-claro lhe chama a atenção. Com o indicador e o polegar, ela tira um envelope com o endereço escrito à mão. Já foi aberto, e a carta lá dentro é datada de 4 de outubro de 1960.

Meu querido e único amor,

Eu falei a sério. Cheguei à conclusão de que o único caminho é um de nós tomar uma decisão ousada.

Não sou tão forte quanto você. Quando a conheci, achei que você fosse uma coisinha frágil, alguém que eu precisava proteger. Agora percebo que me enganei. Você é a forte de nós dois, a que é capaz de suportar conviver com a possibilidade de um amor como este, e com o fato de que ele jamais nos será permitido.

Peço-lhe que não me julgue por minha fraqueza. A única forma de eu poder suportar isso é estar em um lugar em que não a veja nunca, em que eu não seja assombrado pela possibilidade de vê-la com ele. Preciso estar em um lugar onde a pura necessidade impeça que você ocupe cada minuto, cada hora dos meus pensamentos. Aqui isso é impossível.

Vou aceitar o trabalho. Estarei na Plataforma 4, Paddington, às 19h15, sexta-feira à noite, e nada no mundo me faria mais feliz do que você encontrar coragem para vir comigo.

Se não vier, saberei que o que sentimos um pelo outro, seja lá o que for, não basta. Não a culpo, minha querida. Sei que a pressão das últimas semanas foi intolerável para você, e o peso disso me afeta profundamente. Odeio a ideia de poder lhe causar qualquer tristeza.

Esperarei na plataforma a partir das 18h45. Saiba que você tem meu coração, minhas esperanças, em suas mãos.

*Seu,
B.*

Ellie relê a carta e se vê, inexplicavelmente, com os olhos cheios d'água. Não consegue desviar o olhar da letra grande, cheia de volteios. A urgência das palavras a toca mais de quarenta anos depois de elas terem sido escritas. Ela vira a carta, confere o envelope em busca de alguma pista. Está endereçado à caixa postal 13, Londres. O que você fez, caixa postal 13?, pergunta ela mentalmente.

Então se levanta, repõe a carta cuidadosamente no envelope e vai até o computador. Abre a caixa de mensagens e pressiona “atualizar”. Nada desde a mensagem que recebera às 19h45.

Tenho um jantar, linda. Desculpe — já estou atrasado. Até. Bj.



Estarei na Plataforma 4, às 19h15, sexta-feira à noite, e nada no mundo me faria mais feliz do que você encontrar coragem para vir comigo. Saiba que você tem meu coração, minhas esperanças, em suas mãos.

Seu, B.

A última carta de amor combina a busca pela verdade nos relacionamentos nos dias de hoje com o glamour romântico dos anos 1960.

“Uma história primorosa sobre amores perdidos, amores encontrados e o poder da palavra escrita.”

Sunday Express

“Um livro romântico e de leitura compulsiva, que nos faz ignorar quem esteja por perto. Com um ritmo perfeito, genuinamente emocionante e recheado de detalhes de época, ao estilo *Mad Men*.”

Independent on Sunday



ISBN 978-85-8057-957-4



9 788580 579574

www.intrinseca.com.br